Os povos espalham pelo mundo o que foi censurado e assassinado

Boletim de Arte Tricontinental N. 13 (Março 2025)



Ouça Vamos mujer - Quilapayún

[**Ouça** a música "Vamos, Mujer", do Quilapayún, um dos principais grupos do movimento Nueva Canción Chilena durante o Governo de Unidade Popular de Salvador Allende.]

Nós nos conhecemos em uma tarde sufocante de verão na Biblioteca Nacional do Chile, no coração de Santiago. Com seu bigode branco característico e apenas dois dias antes de completar 78 anos, Alejandro "Mono" Gonzalez sentou-se e imediatamente começou a falar sobre a exposição na sala ao lado. *Patria negra y roja* [Pátria negra e vermelha] foi uma exposição dedicada ao centenário de nascimento do pintor chileno José Venturelli. Comunista por toda a vida, Venturelli começou sua carreira de pintor como assistente do muralista mexicano David Alfaro Siqueiros, com apenas 16 anos de idade. Mais tarde, tornou-se uma das figuras-chave do Conselho Mundial da Paz, que o levou à jovem República Popular da China como embaixador cultural da América Latina e do Caribe.



Esquerda: Alejandro "Mono" Gonzalez e Tings Chak na exposição de José Venturelli, Biblioteca Nacional do Chile. Direita: José Venturelli, exposição centenária, Centro Cultural La Moneda.

Curiosamente, refazer os passos da trajetória de vida de Venturelli foi um dos motivos pelos quais fui ao Chile, sobre o que você pode ler mais **aqui**. Mas não estávamos nos reunindo para falar sobre Venturelli nem sobre os grandes muralistas mexicanos que inspiraram tanto ele quanto Mono. Estávamos ali para falar sobre as lendárias Brigadas Ramona Parra, das quais Mono foi membro fundador há quase seis décadas, quando era estudante de *design* na Universidade do Chile e membro da Juventude Comunista do Chile. Com o nome de Ramona Parra, comunista de 20 anos que foi baleada pela polícia em Santiago em 1946 durante uma greve de trabalhadores de nitrato, as brigadas foram formadas em 1968, pouco antes da campanha eleitoral do líder socialista Salvador Allende. Eles eram jovens ativistas comunistas, organizados em diferentes células que trabalhavam em fábricas, portos, escolas de ensino médio e universidades, nascidos de um momento político florescente na região.




Esquerda: José Venturelli com seus alunos na China, s.d. Crédito: Eva Sandberg Xiao. Direita: Mono Gonzalez pintando seu mural em Xinjiang, China, 2016.

"Na década de 1960, a América Latina teve um forte movimento musical: Atahualpa Yupanqui na Argentina, Alfredo Zitarrosa e Daniel Viglietti no Uruguai, e a Nova Canção Chilena. Na literatura, havia Julio Cortázar, Mario Benedetti e o *boom* latino-americano". Ele acrescentou que a Revolução Cubana de 1959 também deu início a uma nova tradição nas artes gráficas, a saber, os cartazes, que influenciaram a cultura visual latino-americana. Enquanto isso, a arte de rua política e a estética que se desenvolveram junto com os movimentos radicais chicanos e negros nos Estados Unidos também chegaram ao Chile.

"1968 foi um ano importante mundialmente. Não se tratava apenas de Paris – houve também o massacre de estudantes no México, onde centenas foram mortos na Plaza de las Tres Culturas". Ele estava se referindo à repressão brutal em Tlatelolco contra o levante estudantil, dez dias antes de o país sediar os Jogos Olímpicos. Durante a onda de protestos que antecedeu o evento, brigadas de estudantes foram organizadas com muita força. Os alunos de engenharia projetaram balões para distribuir folhetos. Estudantes de teatro conduziram apresentações de rua. À medida que a repressão do governo aumentava, crescia também o apoio popular ao movimento estudantil – apoiado pelas **Brigadas de Propaganda** responsáveis pela produção de panfletos, pôsteres, faixas e adesivos. As brigadas nasceram do fervor político e cultural da época. Mono lembra: "Esses foram fenômenos importantes, difíceis de reproduzir em diferentes condições históricas".



Murais das Brigadas Ramona Parra, c. 1970s.

Com vínculos diretos com o Partido Comunista do Chile (embora "não fosse controlado de cima para baixo e surgisse das bases"), as brigadas responderam às necessidades políticas da época por meio de murais, com uma capacidade única de expressar e disputar ideias em comunidades e territórios específicos. Uma semana antes das eleições, coordenaram a Amanecer Venceremos, uma operação que mobilizou mais de 120 brigadas em todo o Chile para pintar murais na noite anterior à eleição presidencial de Allende. Em 4 de setembro de 1970, a coalizão da Unidade Popular de partidos de esquerda venceu as eleições, tendo Allende como líder, que concorreu com um programa para enfrentar a "estagnação econômica e social, a pobreza generalizada e as formas de negligência total sofridas em todas as frentes pelos trabalhadores, camponeses e outros grupos explorados".

Eles propuseram reformas econômicas e sociais radicais, com foco na nacionalização do cobre e em programas culturais inovadores (um quinto das reservas conhecidas do mundo está no Chile). Entre os esforços estava o estabelecimento do Museo de la Solidaridad, um projeto criado pelo governo da Unidade Popular para incentivar a doação de obras de arte das Américas e da Europa. A visão desse projeto, que esteve em pleno vigor de 1971 até o **golpe** em 1973, era criar um museu de arte internacional para o povo chileno. Os murais desempenharam um papel importante na popularização das políticas e dos programas do governo da Unidade Popular. "Durante a época de Allende", acrescentou Mono, "os murais atingiam centenas de milhares de pessoas diariamente. Mesmo que fossem apagados, já haviam cumprido seu propósito".

No entanto, a presidência de Allende seria interrompida quando o governo passou a ser considerado intolerável pela ordem imperialista e um mal exemplo para outros países do Terceiro Mundo. Em 11 de setembro de 1973, setores reacionários do exército chileno, liderados pelo general Augusto Pinochet e apoiados pela CIA, derrubaram o governo da Unidade Popular, e Allende morreu no ataque a La Moneda, o palácio presidencial. Matar o líder, no entanto, não era suficiente, os soldados de Pinochet queriam matar ideias, queimando livros marxistas e obras de arte de esquerda, incluindo muitas das obras do Museu da Solidariedade.



Esquerda: Os soldados de Augusto Pinochet queimam livros marxistas e a serigrafia America Awakens, 28 de setembro de 1973. Crédito: Wikimedia Commons. Direita: Mono, La mirada de las anchas alamedas [O olhar das amplas avenidas], 2005. Crédito: Museu da Solidariedade Salvador Allende (MSSA).

Apesar das tentativas do regime golpista de apagar o museu, os trabalhadores culturais chilenos que estavam na clandestinidade e no exílio reviveram o instituto no exterior entre 1975 e 1990 com o nome de Museu Internacional da Resistência Salvador Allende. O projeto foi restaurado em 1991, após o retorno da democracia no Chile, e agora é chamado de MSSA. Você pode ver algumas das **obras de arte** que foram apresentadas em nosso dossiê para o 50º aniversário do golpe.



Murais em Moçambique. Crédito: Imagens de uma revolução (1982), de Albie Sachs.

Assim como as obras de arte do museu sobreviveram ao golpe e aos 21 anos de ditadura que se seguiram, o mesmo aconteceu com o muralismo das brigadas. "Os exilados chilenos levaram essa estética para o mundo todo", disse Mono. "O estilo tornou-se parte do imaginário global, não apenas do Chile. O que era reprimido em casa se espalhou internacionalmente". Alguns dos membros da brigada foram parar em todo o mundo, inclusive em Moçambique, onde sua influência estética e política pode ser sentida no muralismo de artistas como Malangatana Ngwenya, que colaborou com exilados chilenos, conforme documentado no livro *Imagens de uma revolução*, de Albie Sachs. A amplitude total dessa influência internacional talvez nunca seja conhecida. "Ainda há muita coisa que não foi documentada, especialmente com relação ao exílio, e o trabalho de desenterrar, recuperar e preservar essa memória histórica continua", acrescentou.

Embora mais de cinco décadas tenham se passado desde o golpe contra Allende, Mono não se deixou abater pelo passado e continuou sua vida política e cultural, que agora se estende por mais de 60 anos. Hoje, embora ainda pinte murais, ele concentra mais sua atenção no *design* de cartazes. "Murais grandes exigem financiamento, maquinário e tempo. É por isso que passamos a usar cartazes. Um cartaz bem colocado em uma área de tráfego intenso pode ser tão eficaz quanto um mural". Enquanto nos encontrávamos, ele tinha

acabado de criar um cartaz para o Dia Internacional da Mulher e estava se preparando para divulgá-lo massivamente.





Pôster de 8 de março de Gladys Marín (1937-2005), ex-secretária geral do Partido Comunista do Chile, do Mono.

Para Mono, "a arte é uma ferramenta para a educação política". Seja por meio de murais, cartazes ou mídia digital, nosso desafio é manter viva a resistência cultural". Ele frequentemente organiza oficinas gratuitas para jovens artistas e ativistas em seu estúdio no mercado de pulgas Victor Manuel – onde também nos encontramos quando ele comemorou seu 78º aniversário. Embora lamente a perda das escolas de educação política estruturadas para os artistas do período da Unidade Popular e o fato de que as lutas, como as relacionadas às causas feministas, ambientais e indígenas, tenham ficado isoladas devido à falta de um "órgão central de coordenação", ele continua a trabalhar incansavelmente para criar obras de arte que atendam às necessidades políticas dessa época. "Precisamos garantir que a arte sirva ao povo. Seja no Chile ou no exterior, a essência permanece a mesma: criar um trabalho que fale sobre as lutas do momento".

Em outras notícias…



Evento e exposição de cartazes na Feira do Livro de Havana.

Entre 15 e 25 de fevereiro, nossos bons amigos da **Utopix** estiveram em Cuba para a 33° Feira do Livro de Havana. Em colaboração com a Casa de las Américas, **organizaram** duas exposições de pôsteres, que incluíram obras de arte do nosso Departamento de Arte Tricontinental. Lá, eles também apresentaram o Calendário do Dia dos Livros Vermelhos 2025. Por fim, dê uma olhada nas obras de arte em destaque de março em nossa **galeria**. Entre os revolucionários que homenageamos neste mês está o poeta palestino Mahmoud Darwish (1941-2008), nascido em 13 de março, cujo legado nos lembra que "ser humano é amar, criar e resistir".

Cordialmente,

Tings Chak
Diretora de arte do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social